

# CAMINHOS E ATALHOS DA HISTORIOGRAFIA SOBRE AS MULHERES MEDIEVAIS

*Dulce Oliveira Amarante dos Santos\**

## **Resumo**

Este artigo é uma análise crítica da historiografia européia medieval sobre as mulheres desde o surgimento na década de 1960 até os dias atuais. Enfoca também a categoria analítica gênero, criada pelas historiadoras norte-americanas.

“Contudo, talvez fosse bom não esquecer, no meio de todos esses homens, vociferantes, que eram os únicos a clamar o que tinham feito ou sonhavam fazer, as mulheres. São alvos de muitos discursos. Mas o que sabemos delas?”

*Georges Duby. O cavaleiro, a mulher e o padre*

O objetivo deste artigo é mostrar o aparecimento e, depois, os caminhos e os atalhos percorridos, até hoje, por uma nova área do saber histórico sobre a Idade Média ocidental: a História das mulheres. Não que eu tenha a pretensão de expor aqui os mil anos da História das mulheres medievais (entre o final do século V e o XV), mas sim a constituição dessa área (as fontes), a trajetória dos estudos (inclusive as reflexões teóricas que desembocaram na categoria analítica do gênero) e a ampliação das temáticas de pesquisas com as obras significativas,

---

\* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás, doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo e membro do NEM (Núcleo de Estudos da Mulher) da PUC/SP.

nos últimos 20 anos, no campo da História, em dois países europeus: a França e a Itália. Não deixarei de apresentar também as contribuições da historiografia norte-americana no campo teórico.

Embora o meu recorte espaço-temporal seja a Europa ocidental na Idade Média, os estudos sobre esse período fazem parte de um projeto mais extenso de História global das mulheres, desde a Pré-História à época contemporânea.

Assim, da confluência de uma nova História sócio-econômica que valorizou outros domínios além do político, de uma Antropologia e de uma Sociologia que tornaram as mulheres um grupo social, e, por fim, do movimento feminista que deu uma dimensão política ao privado, surgiu um discurso histórico específico sobre as mulheres. Primeiro, dar-lhes visibilidade; segundo, mostrar sua presença para contrapor-se a uma concepção de História universal (masculina). Mas, por muito tempo, considerada uma História menor e marginal dentro das universidades.

A relação entre os sexos intervém na História, já que as hierarquias sexuais são estudadas em sua interação com as outras hierarquias sociais: classe, etnia e idade. Há uma dinâmica histórica nas relações de gênero que permite ao historiador, na desconstrução de seu objeto, “a redescoberta de situações inéditas não para apontar o excepcional mas para descobrir o que até então era inatingível, por estar submerso”. (Izilda Matos, 1995, p. 25)

É importante também destacar o fato do aparecimento, entre as historiadoras feministas americanas, de reflexões teóricas sobre a História das mulheres que acabaram por estruturar uma categoria analítica, o gênero (*gender* em inglês, *genre* em francês) e as relações de gênero (que provocaram muita polêmica e desdobramentos). Era necessária uma categoria analítica que legitimasse um espaço para esses estudos no universo acadêmico. O marco importante desse debate foi o artigo da historiadora americana Joan Scott, “Gênero – uma categoria útil de análise histórica” (1988), que destaca alguns elementos importantes desse conceito. Em primeiro lugar, aponta para a construção social dos papéis masculinos e femininos baseada nas diferenças percebidas entre o sexo, e para as relações de poder implícitas entre os gêneros. É preciso, assim, desconstruir os conceitos normativos expressos em discursos religiosos, educativos e científicos que, muitas vezes, adquirem a forma

de uma oposição binária que afirma categoricamente o sentido de masculino e do feminino e que encobre conflitos internos das relações entre os sexos. Outro aspecto importante destacado por Joan Scott é perceber a construção da identidade subjetiva nessa mesma relação social entre os sexos.

Como, então, as mulheres irromperam no cenário da História como objeto de pesquisa? Não que as mulheres sejam em si mesmas um objeto da História, mas, sim, os seus papéis na sociedade, suas práticas (ou seja, suas formas de ação), seus poderes e a grande variedade de representações sociais elaboradas pelos homens sobre elas. Como o rosto delas passou a ser desvelado?

## Fontes

Para a composição da História das mulheres medievais, algumas questões sobre as fontes merecem destaque. O primeiro desafio consistiu em sua invisibilidade nas fontes, ou seja, as relações sociais entre os sexos imprimiram sua marca na organização de dois tipos de fontes: textuais e visuais. Dois dilemas, dois caminhos se apresentam: escrever sobre as mulheres ou resgatar as vozes femininas, ou seja, ler e decifrar a escritura feminina? No entanto, como são poucas as vozes femininas medievais, na maior parte das vezes chega-se às mulheres por meio do filtro do olhar masculino. É necessário, então, efetuar as releituras das fontes tradicionais sob outros enfoques analíticos.

As principais documentações disponíveis são:

### 1. Fontes textuais

#### a) Eclesiásticas

Devido ao monopólio da produção escrita pela Igreja até o século XII (momento da constituição de uma literatura laica), e sendo os mosteiros grandes centros de produção cultural, a maior parte da documentação, até então, foi produzida por um grupo de clérigos homens: penitenciais ou manuais de confesores, obras dos Padres da Igreja (Santo Agostinho de Hipona, Ambrósio de Milão, Tomás de Aquino etc.), hagiografias de santas, tratados teológicos, de Filosofia

política e médicos, *fabliaux* etc. No entanto, há também uma pequena literatura feminina oriunda dos mosteiros femininos, como Roswita de Gandersheim, Hildegarda de Bingen etc.

#### b) Laicas

A partir do século XII, apresenta-se também uma literatura laica escrita: poesias (entrelaçamento profundo entre música e poesia: as cantigas), novelas de cavalaria, tratados médicos, compilações de leis, prosa moralista, registros cartoriais etc.

### 2. Fontes visuais

#### a) Iconográficas (tanto laicas quanto eclesiásticas)

Na historiografia das mulheres medievais despontaram, sobretudo na década de 1980, os estudos sobre as representações masculinas e femininas nas iluminuras dos códices medievais, material abundante mas por muito tempo ignorado. Um exemplo, a obra do século XIII, *As cantigas de Santa Maria* (ed. por Walter Mettman, 1972), do rei de Castela, Alfonso X; códice iluminado com abundância de imagens femininas (de mulheres e da Virgem Maria); outros exemplos referem-se aos afrescos e esculturas sacras das igrejas e catedrais urbanas.

#### b) Arqueológicas

Trata-se da cultura material: objetos cotidianos, jóias, habitações, hábitos alimentares, tecnologias etc. São muito importantes essas fontes para os estudos das mulheres bárbaras germânicas (povos sem escrita) dos primeiros séculos da Alta Idade Média.

### Temáticas

Como as pesquisas sobre as temáticas ligadas ao universo feminino foram se multiplicando? Em seguida, vou elencar os principais temas pesquisados, sobretudo a partir da década de 1970, acerca das mulheres no período em estudo.

Num primeiro momento trabalharam-se as mulheres na História demográfica, depois os papéis sociais das mulheres nas linhagens (o

parentesco) e no casamento e o sentimento amoroso; num segundo momento, buscou-se a organização da vida monástica e da religiosidade feminina: visões místicas de santas, as beguinas etc.; partiu-se para uma História do corpo feminino e seus desdobramentos: maternidade, métodos contraceptivos, sexualidade, prostituição e, atualmente, também as diferentes representações desse corpo; por último, o trabalho e os espaços femininos por excelência, na vida quotidiana: fiar e tecer (*chansons de toile*, espaços da sociabilidade de mulheres), partos, rituais de morte, práticas mágicas (encantamentos) etc. Essas práticas interessam a toda a comunidade, mas todas as práticas culturais devem ser pensadas em termos de relações e dependências: ao outro sexo, ao grupo social, ao contexto político e econômico e ao conjunto do domínio cultural. Mais no final da década de 1980, tem-se os estudos sobre as relações de gênero e sobre o universo cultural, trabalhando sobretudo o imaginário, ou seja, o conjunto de representações elaboradas sobre homens e mulheres que ultrapassam o limite da experiência concreta, presentes nos diversos discursos (literários, médicos, jurídicos, eclesiásticos) do período em estudo.

### **Historiografia**

Sem pretender esgotar a discussão, analisarei parte da historiografia acerca das mulheres na Idade Média. A biografia de mulheres ilustres constituiu uma das primeiras formas de desvelar o rosto das mulheres do passado, uma tradição que remonta à primeira escritora profissional, Cristina de Pisa (1364-1430), e prossegue até as historiadoras feministas do século XIX. Neste século, encontram-se biografias de mulheres famosas (Christine Planté, 1988 e Eleni Varikas, s.d.), em sua maioria mulheres casadas com homens ilustres, como, por exemplo, Isabel, a rainha santa, mulher do rei de Portugal, D. Dinis (1279-1325), que se tornará o modelo feminino virtuoso e ideal sempre retomado para as mulheres portuguesas. Trata-se de biografias de mulheres que ocuparam espaços na vida pública e exerceram influência na maneira de viver feminina da época. De alguma forma, essas vidas tornaram-se armas para a autodefesa contra os clichês e a tradição misógina. Aliás, hoje assiste-se a uma renovação dos estudos biográficos, denominados

histórias de vida, que buscam uma inter-relação entre o individual e o coletivo nas diferentes sociedades do passado e do presente.

Na França, nos anos 60, a primeira tentativa de dar visibilidade às mulheres remonta à História demográfica, com estudos sobre a família; o segundo impulso veio de historiadores ligados à chamada Escola dos *Annales*, periódico fundado em 1929 por um medievalista, Marc Bloch, e um historiador da Idade Moderna, Lucien Febvre. Não que a temática em estudo fizesse parte das preocupações da primeira geração, mas a Idade Média sim. O crescimento de pesquisas de História social e econômica da Idade Média é tributário aos *Annales*. Dois outros nomes pioneiros na História das mulheres medievais foram o de Régine Pernoud (1984, 1991 e 1993), na França, diretora da Biblioteca Nacional de Paris, e o de Eileen Power (1979), na Inglaterra.

É preciso também salientar dois historiadores medievalistas franceses: Georges Duby e Jacques Le Goff (3.<sup>a</sup> geração dos *Annales*). Ambos abriram caminhos para esses estudos, inicialmente na História social e econômica (anos 60) e depois na História das mentalidades e do imaginário, dois ramos da Nova História nos anos 70. Mas no primeiro manifesto da Nova História francesa, os três volumes dirigidos por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *História: novos problemas, novas abordagens e novos objetos*, de 1974, a questão da História das mulheres não foi colocada; aliás, verifica-se a mesma ausência no segundo manifesto de 1978, *A Nova História*, publicado originalmente na Bélgica. A lacuna será preenchida via historiografia italiana. Outra contribuição dessa dupla de medievalistas foi a prática de uma História cultural marcada pelos diálogos com a Antropologia, daí o fato de que, nos anos 80, afirmou-se a designação Antropologia histórica ou História antropológica, ou ainda, Etno-História. Ambos promoveram o alargamento do campo da pesquisa histórica com a introdução de novas fontes e novos procedimentos de análise dessa documentação, com a possibilidade de novos olhares sobre o passado e novas descobertas.

Mas foi sobretudo na Itália, com um grupo ativo de historiadoras, entre as quais podem-se citar Michela Pereira (1981), Maria C. De Matteis (1981) e Mariateresa F. Brocchieri (1989), que se abriu o espaço de publicação para essa área de pesquisa. Muitas vezes, os historiadores franceses foram convidados a integrar suas publicações: uma amostra disso foi a coletânea de artigos, dirigida por Jacques Le Goff, *O homem*

*medieval* (1989), que incluiu um trabalho da historiadora francesa Christiane Klapish-Zuber sobre a mulher e a família (já no caso da coletânea sobre o homem grego antigo, da mesma coleção “O homem e a História”, dirigida por Jean Pierre Vernant, essa temática não foi contemplada). O saldo positivo dessa aliança franco-italiana foi que possibilitou as traduções dessas obras para a língua portuguesa.

Dois exemplos significativos merecem ser citados, pois ilustram bem o atual estado da questão. O primeiro é a obra de síntese sobre a História global das mulheres, em cinco volumes, publicada originariamente na Itália, sob a direção de Michelle Perrot e G. Duby, *História das mulheres no Ocidente* (1993). É interessante pontuar o volume II, referente à Idade Média, sob a direção de Christiane Klapish-Zuber, que distribuiu os capítulos efetuando uma separação entre o discurso sobre as mulheres e as suas práticas sociais. Assim, encontram-se de um lado, as representações das mulheres (na literatura, na iconografia, no discurso médico, filosófico e científico) e, do outro, a História social das mulheres (na demografia, nas estruturas familiares etc). Sente-se a falta de uma inter-relação dos discursos com as práticas sociais (Gianna Pomata, 1993). No entanto, a atenção maior foi dada à História das representações culturais das mulheres, sem o contraponto das representações masculinas e sem aplicar a categoria das relações de gênero. Justifica-se em parte o espaço menor dedicado a seus papéis sociais em face da própria composição das fontes, em sua maioria eclesiásticas. De qualquer forma, trata-se da primeira tentativa de síntese da produção historiográfica franco-italiana e norte-americana dessa área de pesquisa histórica.

Dois exemplos de obras historiográficas recentes, uma proveniente da Itália e outra da França, retomaram uma das primeiras formas da História das mulheres, a abordagem biográfica.

A primeira, *Medioevo al femminile* (1989), é uma coletânea de artigos de historiadores da temática – Franco Cardini, Claudio Leonardi, Mariateresa Fumagalli B. Brocchieri – organizada por Ferruccio Bertini. Os autores trabalharam com algumas mulheres que deixaram testemunhos escritos sobre suas vidas. Os exemplos estudados vão desde Egéria, a peregrina do século IV, passando por Dhuoda, a mãe carolínea de um guerreiro do século IX; Roswita, a monja poeta do século X; Trótula, a médica de Salerno, do século XII; Heloísa, a intelectual do século XII, e, encerrando, Santa Catarina de Siena, a mística do século XIV.

A segunda obra mais recente, *Enquête sur les dames du XIIIe siècle* (1995), de Georges Duby, o primeiro volume de uma trilogia, investigou as representações mais marcantes de sete mulheres reais ou imaginárias do período. Estas foram perpetradas em textos oficiais escritos por homens. Com uma análise minuciosa das entrelinhas e dos silêncios dos textos, procurou desconstruir os discursos para desvendar essas imagens femininas. Dentre aquelas que viveram no século XII, escolheu três nomes: duas damas, Eleonor da Aquitânia e Heloísa, e uma burguesa, Juette. Sobre a primeira, a célebre Eleonor da Aquitânia, primeiro rainha da França e depois da Inglaterra, restaram nove obras históricas, cinco inglesas e quatro francesas, que Duby analisou. Para a segunda, Heloísa, investigou a correspondência com Abelardo que lhe foi atribuída, mostrando a construção de sua imagem num texto escrito por um religioso como um vasto *exemplum*. Para a terceira, Juette, filha de um coletor de impostos do bispo de Liège, na Bélgica, Duby pesquisou sua biografia de reclusa e visionária, redigida por um religioso de Floreffe. As outras imagens são personagens literárias: a Isolda do ciclo de textos sobre a “matéria da Bretanha”, a Dorée d’Amour e a Fenícia, no romance *Cligès* de Chretien de Troyes. A última analisada foi Maria Madalena, a pecadora arrependida dos Evangelhos, cujo culto e milagres são retomados, no século XI, em Vézelay, no caminho do grande santuário de peregrinação da época, Santiago de Compostela.

Concluindo, a historiografia sobre as mulheres vem caminhando num movimento de expansão contínua, provocando discussões e a revisão das categorias analíticas para uma reescritura da própria História. Conforme o exposto, os dois principais pólos de investigação histórica sobre as mulheres medievais são a Itália e a França. O mesmo vem acontecendo na produção historiográfica sobre as mulheres medievais, que busca ao mesmo tempo o debate, por meio de encontros, seminários e publicações, e também a ocupação de espaços acadêmicos e institucionais, com a criação de núcleos de estudos.

### **Abstract**

This article is a critical analysis of the european medieval historiography on women since their irruption in the 60's decade to nowadays. It seeks to show how the womanhood had began to become visible in the medieval times and how the american feminist historians had created an analytical category: the gender.

## Referências Bibliográficas

- BERTINI, F. (ed.). *Medioevo al femminile*. Roma-Bari: Laterza, 1989.
- DE MATTEIS, Maria C. *Idée sulla donna nel medioevo*. Bologna: 1981.
- DUBY, G. *Le chevalier, la femme et le prêtre*. Paris: Hachette, 1981.  
(Trad. portuguesa. Lisboa, Dom Quixote, 1988).
- \_\_\_\_\_. *Enquête sur les dames du XIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1995. 2 v.
- \_\_\_\_\_. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- DUBY, G., PERROT, M. (org.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1993. Trad. Ana Rosa Ramalho et alii. v. 2: *A Idade Média*, sob a direção de Christiane Klapisch-Zuber. s.n.t.
- LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos objetos, novos problemas e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 3 v.
- \_\_\_\_\_. (dir.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. (dir.). *L'Uomo medievale*. Roma-Bari: Laterza, 1987. (Tradução portuguesa, Lisboa: Presença, 1989).
- MATOS, Maria Izilda S. de. Gênero: trajetórias, desafios, perspectivas na historiografia contemporânea. *Boletim da Cehila* São Paulo. n. 50, p. 22-9, 1995.
- PEREIRA, M. *Né Eva né Maria*. Bologna: 1981.
- PLANTÉ, Christine. Ecrire des vies des femmes. *Les cahiers du grif. Le genre de l'histoire* Paris. 37/38, p.57-75, printemps 1988.
- PERNOUD, Régine. *A mulher no tempo das catedrais*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A mulher nos tempos das cruzadas*. Campinas: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. *La Vierge et les saints au Moyen Age*. Paris: Bartillat, 1991.
- PERROT, Michelle. Em que ponto está a história das mulheres na França?. *Revista Brasileira de História* São Paulo. 28:9-27, 1995.
- POMATA, Gianna. Histoire des femmes et "gender history" (note critique). *Annales, ESC* Paris. 48(4):1019-26, juil./août, 1993.
- POWER, Eileen. *Les femmes au Moyen Age*. Paris: Aubier Montaigne, 1979.
- ROSSIAUD, J. *A prostituição na Idade Média*. Trad. do francês por Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução do inglês por Guacira Louro. *Educação e Realidade* Porto Alegre. v. 16, n. 2, 5-22, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. Women in History. *Past & Present*, v. 101, p. 125-57, nov. 1983.

VARIKAS, Eleni. L'approche biographique dans l'histoire des femmes. *Revue de l'association: Histoire au présent. Femmes: universalité et exclusion*. Paris: [s.d]. p. 41-55.